

CRÓNICAS DO POVO DO MAR

O MANUSCRITO ESCONDIDO

CONTO I



AUTORA
Laura Guimarães

CRÓNICAS DO POVO DO MAR

CONTO I

O MANUSCRITO ESCONDIDO

LAURA GUIMARÃES

Título: Crónicas do Povo do Mar | Conto I – O Manuscrito Escondido ©

Autora: Laura Guimarães

1ª edição 2026

Edição de autor | Não é permitida a reprodução parcial ou total da obra sem autorização do autor DL n.º 63/85, de 14 de Março

Composição gráfica: Laura Guimarães

Email: lauraguimaraesautora@gmail.com

Website: lauraguimaraes.com

Prefácio

Muito antes de sermos uma nação com fronteiras definidas, aquele que é hoje o território português, foi habitado por vários povos. Portugal era a última paragem dos que vinham para a Europa por terra e também daqueles que vinham por mar, através do mediterrâneo e do mar do norte.

Por aqui passaram os Fenícios e Cartagineses que dominavam as rotas marítimas, os Visigodos e Suevos que forjaram as espadas de ferro invencíveis, os Tartessos que desapareceram envoltos em mistério, os Celtas que inspiraram o culto à natureza, os Mouros que nos deixaram as lendas de encantamento, entre tantos outros.

Fomos porto de abrigo dos que estiveram ancorados de passagem, mas também daqueles que decidiram ficar. O mar moldou a alma daqueles que viviam das rotas marítimas do comércio e fomos ponto de partida para naus e caravelas que atravessaram oceanos na Era dos Descobrimentos. E foi assim que permaneceu um legado histórico e cultural que está no nosso ADN até aos dias de hoje.

Inspirada por este legado, criei as “Crónicas do Povo do Mar”, uma série contos inspirados no misticismo deixado pelos povos que aqui passaram.

Conto I - O Manuscrito Escondido

O primeiro conto, “O Manuscrito Escondido”, conta a relação de um pescador com a sua neta e de como as histórias que ele lhe contava em criança influenciaram a sua vida.

Esta é uma história que vai revelando como a paixão pelo mar passa de geração em geração e de como um povo pode esconder mistérios ainda por desvendar.

O Manuscrito Escondido

As primeiras memórias de infância de Aurora, eram ao colo do avô, enquanto este lhe contava histórias e lendas do mar. José era pescador e encantava Aurora a contar histórias de peixes que falavam, sereias que cantavam nas rochas da praia, gaivotas que traziam peixes no bico para dar de comer aos pescadores, barcos fantasma que surgiam na praia em dias de nevoeiro e tantas outras.

Aurora só teve consciência das histórias que o avô contava vezes sem fim, quando já era adolescente, mas a memória das emoções de criança ficaram para sempre. Ela lembra-se bem da alegria que sentia quando José regressava do mar com o cheiro a peixe e como ele, com o seu enorme sorriso, a sentava no colo para contar mais uma aventura.

Os anos foram passando e Aurora começou a sair direta da escola para o cais, onde esperava que o avô regressasse do mar. Os olhos dela brilhavam quando via a traineira dele a aproximar-se e ele acenava ao longe. Para ela eram momentos mágicos, mesmo nos dias de inverno, em que a chuva e o vento quase a demoviam da espera.

Um dia, depois de Aurora insistir que queria muito ver uma sereia, José levou-a na traineira. Ela prometeu que não ia atrapalhar e ficou junto ao leme a ver o avô e os outros homens pescarem, mas sempre com os olhos no mar na esperança de ver uma sereia acenar. Naquele dia, não viu a sereia, mas o mar tinha-a conquistado e naquele dia decidiu em segredo, que quando fosse grande, ia ser pescadora como o avô.

Sem dizer a ninguém o seu sonho, conseguiu convencer José a levá-la na traineira nas férias da escola. Ao início ela só via os outros trabalharem, mas aos poucos foi aprendendo e ajudava em pequenas coisas. Nos dias em que não podia ir para o mar, ficava no cais a aprender a remendar as redes de pesca e a ouvir histórias e lendas de outros pescadores. Para Aurora, o avô era o melhor contador de histórias, mas ela ficava a ouvi-los até José chegar com o peixe.

Certo dia começou a acompanhá-lo na venda do peixe e a aprender a negociar o preço. O avô ria-se muito com ela, porque quando Aurora começou a ganhar confiança, era ela que estipulava o preço e conseguia sempre o que queria.

José foi-se apercebendo do brilho nos olhos da neta cada vez que saiam para o mar, quando estavam no cais a limpar a traineira, quando remendavam as redes e quando iam vender o peixe. Ele viu também, como aos poucos os outros pescadores a começavam a respeitar e já a acolhiam como parte da comunidade. Aurora movimentava-se no cais cumprimentando todos pelo nome, sabia quem eram e a que família

pertenciam, perguntava pelos filhos e pelos netos. Aquela gente tinha-se tornado uma extensão da sua família.

Quando Aurora terminou o ensino secundário, perguntou ao avô se lhe dava emprego na traineira. Ele não ficou surpreso, mas sonhava uma vida mais fácil para ela. A primeira reação de José foi dizer-lhe que não. Ao ouvir o não do avô, Aurora saiu a correr pelo cais e só parou quando chegou à praia. Ajoelhou-lhe junto à falésia e deixou que a tristeza que tinha invadido o seu coração se transformasse em lágrimas que corriam pelo seu rosto. Esperava que muitos não entendessem a sua decisão de ser pescadora, mas nunca esperou isso do homem que a ensinou a amar o mar.

Pouco depois, José chegou e os dois olharam fixamente um para o outro. Por momentos ficaram em silêncio, como se estivessem a captar os pensamentos um do outro. Nos olhos de Aurora, via-se a desilusão e a tristeza de quem viu um sonho interrompido. Nos olhos de José, via-se a culpa de quem tinha consciência que tinha alimentado o sonho da neta ao longo de muitos anos e não tinha o direito de lhe recusar um lugar na sua traineira.

José estendeu as palmas das suas mãos a Aurora, mostrando as cicatrizes dos cortes provocados pelas redes de pesca e pelas caixas de peixe que carregou uma vida inteira. Depois só perguntou:

- É esta a vida que tu queres?.

Aurora levantou-se e com as lágrimas a escorrerem de novo pelo seu rosto, olhou para as mãos do avô, segurou-as e carinhosamente disse:

- É o que eu mais quero.

As lágrimas escorreram pelo rosto de José e ele abraçou a neta. Era a sua forma de pedir desculpa por lhe ter negado um lugar na traineira e ao mesmo tempo dizer-lhe que o lugar era dela. Os dois permaneceram abraçados, a sarar a dor que ambos tinham sentido com aquele desentendimento, enquanto as suas mentes vagueavam pelas memórias de infância e pelos momentos vividos no cais e na traineira.

A partir daquele dia, Aurora saía todos os dias de madrugada para ajudar José na pesca. Ele estava orgulhoso dela, porque ela trabalhava tanto como os outros e o que não sabia, pedia para lhe ensinarem. O avô ensinou-lhe tudo o que sabia, a ver as correntes no mar, a perceber os sinais das ondas, a olhar para o céu e ver as nuvens, a sentir os ventos. Ele dizia que as modernices das traineiras às vezes falhavam e que era bom ela saber observar a natureza para não ficar perdida no alto mar.

Cinco anos passaram e um dia José disse a Aurora que não ia para o mar. Ela estranhou, mas ele disse que estava na hora de lhe dar o lugar e queria saber se ela era capaz de comandar a traineira sozinha.

Aurora e os outros pescadores ficaram surpreendidos com a decisão de José, mas mesmo com algum receio por não o terem ao comando, partiram para o mar. Estava um dia de céu limpo e as ondas do mar embalavam suavemente o barco. Aurora manteve-se ao leme, recordando os ensinamentos do avô enquanto escolhia o melhor local para pescar.

Quando regressaram ao cais, José esperava ansioso pela chegada da sua traineira e da neta. Quando os viu a chegar carregados de peixe, o seu peito encheu-se de orgulho. Ela estava pronta para tomar conta do negócio.

José começou a ficar mais dias em terra e só quando via que o tempo ia piorar é que embarcava para ajudar Aurora, mas ficava só a observar enquanto a via a ultrapassar as dificuldades quando havia tempestades.

Certo dia, depois das traineiras saírem do cais, José decidiu pegar no seu pequeno barco de passeio para dar uma volta no mar. Manteve-se próximo à costa e dirigiu-se para o Cabo de São Vicente. Pelo caminho começou a recordar a sua vida no mar, lembrou-se do primeiro dia em que embarcou, dos amigos que o mar levou, dos perigos que passou e dos que com ele viveram uma vida inteira dedicada à pesca.

Ao avistar o farol, diminui a velocidade do barco e esperou. Pouco depois, avistou o nevoeiro a aproximar-se e desligou o motor do barco. Por entre o nevoeiro, surgiu uma luz intensa e com ela trouxe um homem de vestes brancas e olhos azuis cintilantes.

- Estás pronto José? – perguntou o homem.

- Sim, estou pronto. – disse José com um sorriso no rosto.

José não voltou ao cais e durante dias fizeram buscas por ele no mar. Aurora estava desesperada e percorria a costa todos os dias em busca do avô. Um dia, num local onde já tinha passado várias vezes, viu o barco de José à deriva. Com a ajuda de outros pescadores, trouxe o barco para o cais, mas não havia nenhuma pista do que podia ter acontecido, pois o barco estava intacto.

Já sem esperança de encontrar o avô com vida, Aurora foi até à praia, sentou-se na areia junto à falésia e fez a oração que José fazia a Nossa Senhora todos os dias antes de sair para o mar. Ele pedia que ela lhe

concedesse um bom dia de pesca e o trouxesse, juntamente com os outros pescadores, sãos e salvos para casa.

- Nossa Senhora, traz o meu avô de volta. – Diz Aurora rezando e olhando para o mar.

Ficou horas sentada a ver cada onda que rebentava na praia, na esperança que uma delas trouxesse José de volta. Quando caiu a noite, voltou para o cais e subiu para a traineira na esperança que passasse algum pescador que tivesse avistado algum sinal.

Enquanto esperava, abriu o compartimento onde o avô guardava o diário de bordo e onde ele tinha anotado durante anos, tudo o que tinha aprendido sobre o mar. Começou a folhear página por página, em busca de alguma informação sobre uma corrente marítima que desconhecia e que a ajudasse a descobrir para onde o mar teria levado José. Leu a noite toda e não encontrou nada que a ajudasse, até que ao virar a última página, encontrou um compartimento secreto no diário.

Com cuidado para não rasgar a contra-capá, abriu e viu que tinha um manuscrito escondido. O papel parecia ser muito antigo e estava amarelado pelo passar do tempo, a caligrafia e o alfabeto eram também muito antigos e Aurora, mesmo observando atentamente, não conseguiu decifrar uma única palavra. No canto inferior direito tinha desenhado um pequeno mapa e assinalava uma ilha isolada no oceano, mas não era possível identificar a localização.

Aurora ficou curiosa, porque o avô nunca lhe tinha falado naquele manuscrito, nem na ilha que aparecia no mapa. Os primeiros raios de sol

começaram a surgir e Aurora levantou a carta e colocou-a em contra luz para ler melhor. Ao fazê-lo, surgiram letras e desenhos que estavam invisíveis e pareciam completar o que tinha visto inicialmente.

Aurora observou cada detalhe e cada pormenor, e começou a perceber que o manuscrito descrevia correntes marítimas e ventos. Aos poucos decifrou as indicações e chegou à conclusão que a ilha ficava muito próxima do Cabo de São Vicente. No mesmo momento, colocou as coordenadas no GPS da traineira, ligou o motor e saiu do cais em direção ao mar. Algo lhe dizia que se seguisse as indicações do manuscrito ia encontrar o avô.

Quando avistou o farol, reduziu a velocidade, pois o GPS indicava que estava muito próxima da ilha. Quando chegou à localização exata, desligou o motor e ancorou o barco. Olhou à sua volta e não viu terra. Aurora sabia que não existia uma ilha naquele local, mas se o avô tinha guardado aquele manuscrito com tanto cuidado, tinha que ter alguma informação importante.

Aurora colocou novamente o manuscrito em contraluz, em busca de mais uma pista e conseguiu ler que estava escrito em cima da ilha a palavra “Atlas”. Os seus olhos arregalaram-se e a sua respiração parou.

- Será que este manuscrito antigo tem a localização exata da desaparecida Atlântida? – Perguntou Aurora em voz alta.

Nesse instante, um denso nevoeiro invadiu a traineira e ela deixou praticamente de ver o que a rodeava. Um cheiro intenso a maresia começou a pairar no ar e uma brisa começou a soprar, trazendo consigo uma melodia que Aurora não conseguia identificar. Tentou manter-se calma perante os

acontecimentos, mas de repente teve a sensação que a traineira estava a flutuar no ar. Agarrou-se ao leme para não cair e pouco depois ouviu um estrondo como se a traineira tivesse sido lançada do céu para o mar.

O nevoeiro dissipou-se tão rapidamente como tinha chegado e Aurora arregalou os olhos de espanto ao ver uma ilha mesmo à sua frente. Na costa, o avô acenava-lhe e ela sentiu a traineira a ser puxada para o cais sem precisar de ligar o motor. Assim que a distância o permitia, saltou para o cais e correu para abraçar José.

- Estás vivo! – Disse ela abraçando o avô.

- Conseguiste encontrar o manuscrito escondido! – Disse José sorridente.

- Sim encontrei. Mas que lugar é este?

José contou a Aurora, que há muitos anos atrás, um velho marinheiro lhe tinha vendido o manuscrito para poder comprar whisky. Ele tinha feito o negócio só para ajudar o homem, sem imaginar o segredo que ele continha. Guardou o manuscrito no diário de bordo e só anos mais tarde decidiu tentar perceber o que lá estava escrito.

Tal como tinha acontecido com Aurora, ele só percebeu o conteúdo quando colocou o manuscrito em contraluz. Curioso em saber que ilha era aquela que ele desconhecia, foi em busca da sua localização. Também ele tinha sido rodeado por nevoeiro e levado para a ilha e quando lá chegou, encontrou o velho marinheiro que lhe tinha vendido o manuscrito.

Aurora estava tão surpreendida com o que estava a ouvir, que naquele momento, parecia estar a ouvir mais uma das histórias que o avô lhe

contava na infância. José contou-lhe, que o velho marinheiro lhe disse que aquela terra era a ilha desaparecida de Atlântida e que ela nunca tinha saído daquele local, simplesmente tal como no manuscrito que só se conseguia ver em contraluz, tinha deixado de ficar visível para a humanidade.

O velho marinheiro então disse a José, que já que ele tinha descoberto a ilha, tinha duas opções. Podia ficar, mas não poderia regressar ao mundo visível ou podia partir e regressar quando se quisesse reformar da vida de pescador. Na altura, José decidiu voltar para junto da família, mas agora estava velho e cansado e decidiu voltar à ilha.

- Assim como tu sonhavas ser pescadora, eu sonhava voltar a esta ilha.
– Disse José sorrindo.

- Então, tal como eu, vieste atrás do teu sonho. – Disse Aurora fazendo uma festa no rosto do avô.

- Se um dia me quiseres ver de novo já sabes onde estou, mas agora tens que voltar. – Disse ele retribuindo o carinho.

- Eu sei.

Os dois abraçaram-se e Aurora sentiu o carinho e o amor do avô como nunca tinha sentido. Ela sabia que não ia tê-lo mais na traineira quando saísse para pescar, que ia sentir saudades das suas histórias e das longas conversas a dois, mas também sabia que o amor que os unia, tinha feito o invisível tornar-se visível.

Fim

Sobre a autora

Laura Guimarães, nasceu na cidade do Porto, em Portugal. Desde criança que as histórias de fantasia a fascinaram e isso dava asas à sua imaginação criando mundos encantados que nunca passariam para o papel. Após uma mudança súbita na sua vida, deu início a uma viagem profunda de auto-descoberta e a escrita surgiu naturalmente neste processo.

Livros Publicados | Ficção

- O 8º Portal – A Profecia (2017)
- O Grito de Kyra (2023)
- O Retrato de Júlia (2024)

Livros Publicados | Reflexões

- 57 Segredos da Minha Melhor Amiga (2025)

Contos Publicados

- Crónicas do Povo do Mar - O Manuscrito Escondido (2026)